

A COVID DEIXA SEQUELAS: A DESTRUIÇÃO DO ESTOQUE DE CAPITAL DAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS COMO CONSEQUÊNCIA DA PANDEMIA DE COVID-19

Mauro Oddo Nogueira

Coordenador de Estudos sobre Cadeias Produtivas e Micro e Pequenas Empresas na Diretoria de Estudos e Políticas Setoriais, de Inovação, Regulação e Infraestrutura do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Cocam/Diset/Ipea).

Rafael de Farias Costa Moreira

Assessor da diretoria técnica do Sebrae Nacional.

DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/td2894-port>

Além de seus efeitos devastadores, que causaram enfermidades e mortes ao redor do mundo, a pandemia de covid-19 teve impactos econômicos consideráveis, principalmente nas empresas de menor porte. O distanciamento social que implicou o fechamento de empresas por períodos prolongados, somado ao aumento do desemprego e do desalento e à própria mudança do consumidor, receoso de se contaminar, fez com que muitos pequenos negócios não resistissem e encerrassem suas atividades de maneira definitiva.

Este trabalho tem o objetivo de estimar o quanto de estoque de capital foi perdido no Brasil em decorrência do fechamento de micro e pequenas empresas (MPEs) durante o período da pandemia até junho de 2020. No caso das MPEs, o estoque é formado, de modo geral, por máquinas, equipamentos e instalações. Para isso, fez-se necessário saber qual era o estoque de capital das MPEs antes da pandemia e qual percentual dele foi destruído desde o início do distanciamento social.

Como não havia, até este estudo, estimativas de estoque de capital por porte de empresa, os autores utilizaram as informações financeiras das empresas cobertas pelas quatro pesquisas

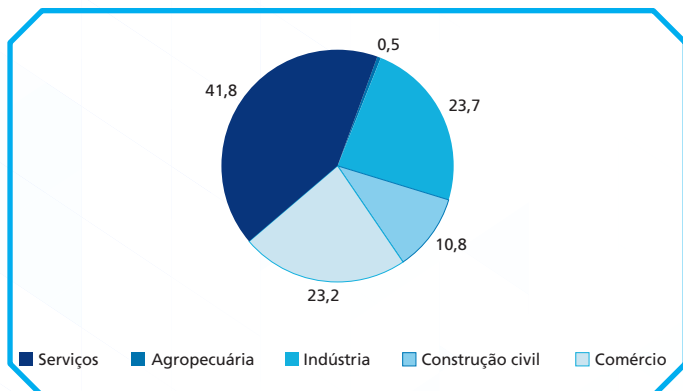
setoriais anuais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): i) Pesquisa Industrial Anual (PIA); ii) Pesquisa Anual do Comércio (PAC); iii) Pesquisa Anual de Serviços (PAS); e iv) Pesquisa Anual da Indústria da Construção (Paic). Produzidas a partir de uma tabulação especial realizada pelo IBGE, a base de dados reuniu as informações relativas às alterações (aquisição, baixas, melhorias, produção própria etc.) de ativos fixos registradas entre 1995 e 2018, estratificadas por porte de empresa de acordo com os limites atuais do Estatuto da Micro e Pequena Empresa corrigidos ano a ano pela inflação. Assim, utilizamos o fluxo de criação, destruição e depreciação de capital fixo até 2018 para produzirmos uma estimativa do estoque de capital por porte e por setores econômicos nesse ano.

Assim, estimou-se que as MPEs formais possuíam em 2018 um estoque de capitais da ordem de R\$ 240,2 bilhões, e as médias e grandes empresas (MGEs), de R\$ 3,6 trilhões (em valores de dez/2020). Esse valor representava 6,3% do estoque de capitais detidos pelas empresas do país. Entre as MPEs, o setor com maior estoque de capital é o de serviços (41,8%), seguido por indústria (23,7%), comércio (23,2%), construção civil (10,8%) e agropecuária (0,5%) (gráfico 1).

GRÁFICO 1

Distribuição do estoque de capital fixo das MPEs por setor da economia (2018)

(Em %)



Fonte: IBGE, 2020.

Elaboração dos autores.

É importante considerar que, para chegar a esses resultados, foi necessário que, diante da carência de dados específicos sobre essa grandeza, algumas hipóteses baseadas na experiência dos autores em relação ao segmento dos pequenos empreendimentos fossem assumidas. Assim, não há a expectativa de que representem um preciso espelho da realidade. O que aqui se pretendeu foi elaborar uma estimativa razoavelmente robusta da ordem de grandeza do estoque de capital das MPEs. Acreditamos que isso seja, por si só, uma considerável contribuição para o entendimento desse segmento, uma vez que, até o momento, não existia na literatura uma estimativa nem mesmo vaga desses valores.

Para estimar o quanto desse estoque pode ter sido destruído por conta do encerramento definitivo das atividades das empresas em consequência da pandemia, foram utilizados os dados da pesquisa Pulso Empresa: impacto da covid-19 nas empresas (PPEmp), realizada pelo IBGE. Nesse cálculo, foram levadas em conta todas as empresas que haviam fechado as portas de maneira definitiva

até junho de 2020, num total de 716 mil negócios. Desses, 99,8% tinham menos de cinquenta pessoas ocupadas (vs. 98,4% na participação no total de empresas antes da pandemia), confirmando que o impacto econômico da pandemia se concentrou principalmente nas empresas de menor porte.

Com números produzidos para o estoque de capital, com os dados de fechamento de empresas por porte e setor e com uma estimativa de faixa de quanto dos ativos fixos de uma empresa de um determinado setor é definitivamente descartado em seu fechamento (tabela 1), foi possível estimar que a perda de capital das MPEs em decorrência da crise encadeada pela pandemia foi de um valor situado entre R\$ 9,1 e R\$ 24,1 bilhões em reais de dezembro de 2020 (tabela 2). Os setores mais afetados foram os de comércio (R\$ 3,9 – 7,3 bilhões) e de serviços (R\$ 3,0 – 8,7 bilhões), seguidos da indústria (R\$ 1,5 – 4,4 bilhões) e da construção (R\$ 0,7 – 3,7 bilhões).

TABELA 1

Estimativa da parcela dos ativos fixos das MPEs destruídos pelo encerramento das operações, por atividades e subatividades (Em %)

Atividade	Mínimo	Máximo
Indústria	20	60
Construção	10	50
Comércio		
Comércio varejista	50	90
Comércio por atacado	30	70
Comércio de veículos, peças e motocicletas	30	70
Serviços		
Serviços prestados às famílias	30	70
Serviços de informação e comunicação	20	60
Serviços profissionais, administrativos e complementares	20	60
Transportes, serviços auxiliares e correio	5	15
Outros serviços	20	70

Elaboração dos autores.

TABELA 2

Estimativas mínima e máxima, por atividade, de ativos fixos de MPEs perdidos como consequência da covid-19
(Em R\$ 1 bilhão)

Atividade	Mínimo	Máximo
Indústria	1,5	4,4
Construção	0,7	3,7
Comércio	3,9	7,3
Serviços	3,0	8,7
Total	9,1	24,1

Fonte: IBGE, 2020.

Elaboração dos autores.

Obs.: Valores a preços de dezembro de 2020.

Observe-se que todos esses valores se referem ao universo formal das firmas. Além disso, todas as estimativas aqui realizadas se basearam, quando isso se apresentou, nas opções mais conservadoras. Desse modo, a expectativa é de que os valores reais sejam consideravelmente superiores aos que aqui foram obtidos.

Em primeiro lugar, a conta apresentada não leva em conta ativos intangíveis, como o fundo de comércio, que inclui o ponto de comércio (muito importante no comércio e em segmentos de serviços), e o *know-how* específico que cada empresa acumula ao longo do tempo. Outro ponto a se considerar é que os dados disponíveis pela PPEmp abarcam apenas as empresas que fecharam as portas até junho de 2020, e, como se sabe, a pandemia e o distanciamento social dela decorrente tiveram momentos de significativo recrudescimento no início de 2021 e início de 2022.

Adicionalmente, as estimativas aqui realizadas levam em conta o estoque de capital em dezembro de 2018, último ano para o qual havia dados disponíveis, e não em março de 2020, quando teve início a pandemia, e os valores apresentados estão em reais de dezembro de 2020. Dessa data até fevereiro de 2022, o Índice de Preços no Consumidor Amplo (IPCA) acumulado foi de 13,3%. Por fim, por conta do desenho

das pesquisas setoriais do IBGE, os números mostrados neste trabalho não levam em conta os mais de 15 milhões de microempreendedores individuais, além de outros milhões de pequenos negócios informais. Como apontado na seção 2.2, a inclusão dos ativos das atividades informais provavelmente resultaria dobrar o estoque de capitais calculado para as formais.

Logo, diante de todas essas considerações, é razoável supor que o estoque de capital dos pequenos negócios que foi perdido em decorrência da pandemia tenha mesmo ultrapassado o limite superior – de R\$ 24,1 bilhões – da faixa aqui estimada.

Além de permitir uma avaliação dos efeitos da pandemia na economia do país, as estimativas aqui apresentadas apontam para a necessidade de recomposição do estoque de capital perdido. Pela dificuldade em acessar crédito por parte das MPEs, a principal fonte de financiamento para criação de capital dessas empresas se dá pela poupança individual. Logo, as estimativas apresentadas podem auxiliar no dimensionamento da necessidade de políticas públicas voltadas para a reconstrução do estoque de capital perdido, bem como para simplificar e baratear o acesso dessas empresas ao crédito.